COPA DO MUNDO E JOGOS OLÍMPICOS: inversionalidade e transversalidades na cultura esportiva e na Educação Física escolar

Mauro Betti¹

Resumo

Em tempos de megaeventos esportivos, aumenta a circulação social de projetos para a Educação Física escolar e o esporte formal-federativo. Contudo, no caso dos Jogos Olímpicos, inverte-se a lógica do próprio projeto de tornar o Brasil uma “potência olímpica”. Já a Copa do Mundo de futebol permite sugerir transversalidades nos conteúdos escolares, que por sua vez fortaleceriam os projetos de pretensões críticas e emancipatórias, que concebem a Educação Física como disciplina escolar que deve possibilitar aos alunos a significação e ressignificação de suas

Abstract

In times of sporting mega-events, increases the circulation of social projects for the school physical education and sport-formal federal. However, in the case of the Olympics, inverts the logic of his own project of making Brazil an “Olympic power.” Already the World Cup football to suggest transversalities in school contents, which in turn would strengthen the projects of critical and emancipatory pretensions, who conceive of Physical Education as school subject that should allow the students the meaning and new meaning

¹ Professor Doutor da Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências, Departamento de Educação Física - *campus* de Bauru. Contato: mbetti@fc.unesp.br

próprias experiências de movimento no âmbito da cultura.

Palavras-chave: *Jogos Olímpicos; Copa do Mundo; Futebol; Cultura esportiva; Educação Física escolar.*

to their own experiences of moving within the culture.

Keywords: *Olympic Games; World Cup; Football; Culture Sports; Physical Education School.*

Introdução

Grécia Antiga, 480 A.C.: na violenta batalha naval travada entre gregos e persas no estreito canal entre a ilha de Salamina e o continente, embora com a vitória dos primeiros, muitas embarcações de ambos os lados naufragaram. Sobre este fato comenta o historiador:

[...] os marinheiros atenienses, ao contrário do que aconteceu com os persas, salvaram as vidas quando os barcos afundaram porque eram hábeis nadadores. A natação era nesse tempo oficialmente encorajada, de tal maneira que um ignorante era descrito como sendo um indivíduo que não sabia nem escrever nem nadar. (MacINTOSH, 1975, p. 21).

Paris, 2007: em serviço disponibilizado pela Prefeitura da capital francesa, milhares de bicicletas (chamadas “Vélib”), distribuídas

em cerca de 1.000 estações, podem ser alugadas, no modelo *self-service*, a baixo custo, por períodos mínimos de 30 minutos; decorrido o tempo, o usuário pode devolvê-la no ponto das “Vélib” mais próximo. Vários meios eletrônicos facilitam o pagamento. A iniciativa faz parte de um programa parisiense para reduzir a poluição causada pelos automóveis e ônibus².

Mas o que tem isso a ver - poderá se estar perguntando corretamente o leitor - com o tema deste artigo?

É que não considero possível estabelecer relações de qualquer natureza entre os megaeventos esportivos internacionais que o Brasil sediará na segunda década do século XXI, a Educação Física sem considerarmos, inicialmente, que projeto(s) entendemos sustenta(m) ou deve(m) sustentar esta área de conhecimento e intervenção pedagógica que se desenrola no âmbito da cultura corporal de movimento (e portanto, também no âmbito da

2 Ver: < <http://estilo.uol.com.br/moda/ultnot/2007/10/17/ult630u7018.jhtm> > e < <http://oglobo.globo.com/mundo/mat/2007/07/06/296661719.asp> >

cultura esportiva).

Ora, de modo algum é novidade dizer que a Educação Física responde e sempre respondeu às necessidades e interesses de cada tempo/espço histórico. Às vezes esquecemos o óbvio, e é bom então retomá-lo. Em tempos de guerra, a Educação Física serviu à preparação militar; em tempos de nacionalismo exacerbado, serviu à formação de valores cívicos; quando o esporte assumiu posto central na cultura corporal de movimento, esportivizou-se; em tempos de doenças, proclamou-se seu valor higiênico, e assim por diante.

Contudo, lembro que Betti (1991, 2009), fundamentado em uma abordagem sociológica-sistêmica, evidenciou como, no Brasil, a Educação Física, enquanto comunidade pedagógica, sempre adaptou-se às demandas sociopolíticas de cada época, embora nesse processo tenha demonstrado maior capacidade auto-afirmativa do que auto-integrativa - quer dizer, agiu mais corporativamente, buscando a autopreservação, do que de fato transformando-se em consonância com mudanças culturais mais profundas. Tal estratégia, amparada pela tradição legalista brasileira, até hoje garante nossa permanência na Escola, mas ela me parece cada vez mais insustentável. E por quê? Porque transformações inéditas e

impactantes a um nível nunca antes conhecido na história recente da humanidade questionam os papéis tradicionais da Educação Física. Dentre elas, cito: os notáveis avanços da medicina aliada à biotecnologia; a proliferação das mídias aliada à informática; o movimento ecológico que alia conhecimento científico com militância política; e a penetração da "indústria cultural" em (quase) todas as esferas das possibilidades humanas.

Se cinco séculos antes de Cristo a vida de marinheiros gregos e persas dependeu diretamente das suas habilidades em natação, saber andar de bicicleta na Paris do século XXI tem mais a ver com uma concepção ecológica de mundo do que com saúde individual ou aprendizagem de habilidades motoras. Embora os temas da saúde e da habilidade motora não possam ser excluídos, no caso em questão só fazem sentido em um contexto mais amplo, em que os avanços tecnológicos (*design* da bicicleta, meios eletrônicos de controle e pagamento etc.) estão a serviço de um projeto sociopolítico, que reflete e ao mesmo tempo demanda mudanças de mentalidade, bem como ações de caráter pedagógico (convencimento das vantagens das "Vélib" para o bem comum, orientações aos usuários, e claro, ensinar a pedalar...).

Vamos a outro exemplo.

Com os extraordinários avanços da medicina, o controle e cura de doenças cardiovasculares parecem mais eficientes e rápidos que rotinas de exercícios físicos, monótonas e exaustivas para muitas pessoas. Então, a percepção dos valores das atividades físico-esportivas tradicionais da Educação Física (jogos, esportes, danças, ginásticas e lutas) precisa ser re-direcionado para o bem estar individual e para o bem-comum, para a expressão das (inter)subjetividades e para a sociabilidade.

Chego agora ao tema deste artigo. Já em Betti (2001, p. 159) alertava que, não obstante o alargamento de sentido conferido à expressão “esporte” pelo fenômeno linguístico da polissemia³, por conta da telespetacularização do esporte⁴, assistimos hoje “à progressiva clivagem do esporte profissional das demais formas da cultura esportiva, cunhada pela mídia e pelas grandes corporações econômicas”, os valores do esporte federativo-formal distanciam-se cada vez mais das suas possibilidades práticas de adequação

a contextos de lazer, educação e promoção da saúde. Quer dizer, a prática esportiva (entendida como uma das possibilidades de exercitação intencionada e sistemática da motricidade no âmbito da cultura corporal de movimento) parece cada vez mais distante da vida cotidiana de quase todos nós, um privilégio de poucos dotados de grande potencial psico-motor.

Nesse contexto, que projeto de Educação Física podemos ou devemos apresentar à sociedade? “Projeto”, do latim “*pro*” (a favor de) e “*jacto*” (lançar a frente). Projeto não é algo que já está realizado, mas uma intenção que se lança para o futuro. Projetos para a Educação Física circulam socialmente, conectados ou não com práticas coerentes aos discursos, refletem e constroem representações sociais e ideologias. Em tempos de megaeventos esportivos, a circulação de projetos para a Educação Física aumenta sua velocidade e amplitude no âmbito das mídias. Por ocasião de Jogos Olímpicos é que se ouve com alguma frequência referências à Educação

3 A polissemia é um fenômeno linguístico que amplia o significado das palavras, no caso, “esporte”. A cultura corporal de movimento contemporânea é rica em práticas corporais, dotadas das mais diversas intensidades de tensão, exigências psico-motoras, seriedade, etc.; as mídias, em especial a televisão, em busca da espetacularização e comercialização de diversos produtos, chama a tudo de “esporte” (BETTI, 1998).

4 “Esporte telespetáculo” é expressão que cunhamos em Betti (1998), para designar a realidade textual relativamente autônoma que é construída pela codificação e mediação do espetáculo esportivo efetuadas pela televisão.

Física escolar nas mídias: na escola é que se forma a base da pirâmide esportiva, é lá que se deve buscar os “talentos” etc.

É incrível como falta aos jornalistas, políticos e dirigentes esportivos, formação e imaginação para esta pauta. Ainda se continua a raciocionar, no debate sobre política esportiva, a partir da dicotomia “Estado” versus “iniciativa privada”. São opções remanescentes de um tempo que passou há muito: a “guerra fria” entre países capitalistas, liderados pelos EUA, e socialistas, com liderança da antiga União Soviética. Outros insistem em apontar a possibilidade de as universidades (como nos EUA) serem responsáveis pelo desenvolvimento esportivo. Ignoram que os clubes foram historicamente o berço e a escola do esporte no Brasil. Mas este caminho também está comprometido, pois o clubismo está em crise. De outro lado, o Estado não consegue mais financiar o sistema esportivo em larga escala, e a iniciativa privada só investe quando há retorno garantido. Temos o recente exemplo do Comitê Organizador Local da Copa 2014 que excluiu,

por falta de garantias financeiras, o Estádio do Morumbi, e portanto, a princípio a própria cidade de São Paulo, como sede da Copa. Criou-se a expectativa de construção de um novo estádio, mas o prefeito paulistano e o governador do Estado de São Paulo já declararam que não colocarão dinheiro público nesta empreitada⁵. Por sua vez, a construção de um estádio para 70.000 espectadores pouco interessa à iniciativa privada, pois não haveria retorno financeiro garantido. Nesse panorama, uma notável exceção é o Judô, que encontrou um modelo próprio de financiamento, baseado nas “Academias”.

Jogos Olímpicos: inversionalidade

É certo que a Educação Física escolar no Brasil beneficiou-se, nas décadas de 1970 e 1980 da posição político-econômica estratégica alcançada pelo esporte. Mas, hoje, o projeto de esportivização que a ronda, e que parece ser o único possível aos poderes públicos e privados interessados, a ameaça de morte. Detecto aqui uma “in-

5 Ver: <<http://www.estadao.com.br/noticias/esportes,oficial-morumbi-esta-fora-da-copa-do-mundo-de-2014,567510,0.htm>>, <<http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2010/07/gilberto-kassab-diz-que-complexo-de-pirituba-ainda-nao-e-opcao-oficializada.html>> e <<http://www.clicrbs.com.br/esportes/sc/noticias/,2964939,Governador-de-Sao-Paulo-opoem-se-a-construcao-de-novo-estadio.html>>.

versionalidade”: se “invertermos” recursos na Educação Física escolar tradicional, estaremos “invertendo”⁶ a lógica, presente no projeto de esportivização, de tornar o país uma “potência olímpica”, posição que é mensurada, pelas próprias mídias, pelo número de medalhas de ouro nos Jogos Olímpicos. Senão, vejamos:

Os Jogos Olímpicos de Pequim (2008) distribuíram 302 medalhas de ouro, em 33 modalidades. De outro lado, temos o tradicional “quadrado mágico” da Educação Física escolar, que persiste em larga escala, a despeito de tantas inovações teórico-metodológicas já propostas na área: futebol (de salão), basquete, handebol e voleibol. Inverter recursos na Educação Física escolar significa, grosso modo, investir (pedagógica e financeiramente) nessas modalidades esportivas. Mas o atletismo nos Jogos Olímpicos envolve 48 medalhas de ouro, o futebol apenas 2; as lutas, 18 medalhas, o basquete somente 2; a natação, 34, o voleibol apenas 4. Há aí uma inversão da lógica, pois se queremos medalhas, o tiro ao alvo (15 medalhas de ouro) é

mais importante que o handebol, e as comparações não parariam por aí. Ademais, a escola brasileira não possui tradição histórica, nem recursos humanos ou infraestrutura para ser pensada como centro ou base da formação de atletas, como tanto desejam alguns políticos. Daí o fracasso do “modelo piramidal” da Educação Física/Esporte concebido durante os governos militares entre as décadas de 1970 e 1980 no Brasil (BETTI, 1991, 2009). Caracteriza-se a inversionalidade a que me referi anteriormente.

Todavia, isso não quer dizer que muitas outras modalidades esportivas não possam ou devam ser objeto de atenção da Educação Física como disciplina escolar. São bem conhecidas as obras e autores que fundamentam a Educação Física como disciplina que tematiza a cultura corporal, cultura de movimento ou cultura corporal de movimento, e que, portanto, abarca o esporte, no sentido lato, como objeto de estudo. Não vou me estender neste ponto, mas chamar atenção para propostas curriculares oficiais em que outras modalidades, além do “quadrado mágico”, são sugeridas como con-

6 Observe o leitor que procuro aqui me valer de um jogo de palavras: “inversão” significa tanto a disposição de dois ou mais elementos ou objetos em sentido oposto ou inverso, como investimento ou ato de utilizar capital em certo negócio para obtenção de lucros (HOUAISS, 2001). Daí vem a construção da palavra “inversionalidade”, entendida como a capacidade de algo ou alguém “inverter”, em duplo sentido: de voltar(-se) ou virar(-se) em sentido oposto ao que é natural, e de aplicar recursos financeiros.

teúdos/temas na Educação Física escolar: é o caso dos estados de Minas Gerais, Paraná, São Paulo, e Rio Grande do Sul⁷.

Evidentemente, tal implica uma perspectiva teórico-metodológica que não se restringe a ensinar as técnicas das modalidades, embora, é claro, obrigatoriamente deva incluí-los, assim como exige transformações didático-pedagógicas de espaços e materiais, preservando-se as intencionalidades originais (tanto no sentido de “origem” como de “ineditismo”) dos gestos esportivos (KUNZ, 1991, 1994; BETTI et al., 2007). Porque o mais importante na corrida ou no salto em distância não são as pistas de piso sintético e as caixas oficiais de areia, mas o desejo de correr mais e saltar mais longe, o mais importante em qualquer esporte coletivo é avançar sobre o território do adversário e alcançar o alvo, não o peso ou medida das bolas e das quadras, ou as regras oficiais das federações. Por isso, qualquer modalidade esportiva pode ser tematizada pela Educação Física como disciplina escolar. Se o leitor navegar um pouco na *internet*, encontrará dezenas e dezenas de vídeos, muitas vezes postados pelos próprios alunos, que apresentam

situações de ensino e aprendizagem envolvendo provas do atletismo, boxe e rugby, dentre outras modalidades, nas aulas de Educação Física em escolas públicas por todo o Brasil, inclusive em espaços pouco prováveis! Então, tais proposições não são fruto da imaginação deste escritor. E aí, os Jogos Olímpicos, mesmo telespetacularizados, tornam-se aliado, não inimigo.

Neste vácuo de políticas públicas para o esporte em que nos encontramos, a Educação Física poderá ainda sobreviver na escola. Mas por quanto tempo? Bracht e Almeida (2003) já denunciaram como a política esportiva nacional pós-2000, desencadeada após Jogos Olímpicos de Sidney (quando o Brasil teve um desempenho baixo, na opinião de dirigentes esportivos e das mídias), levou à pseudovalorização da Educação Física escolar, e à re-edição, quase 30 anos depois, da escola como base da pirâmide esportiva. Como aqueles autores, clamo para que a Educação Física construa legitimações mais consistentes e consoantes com nossos tempos, que se comprometa definitivamente com a concretização de um projeto político-pedagógico em que o esporte, como bem já disse

7 As propostas curriculares citadas podem ser encontradas, respectivamente, nos seguintes endereços eletrônicos: <<http://cvv.educacao.mg.gov.br>>; <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br>>; <<http://www.rededosaber.sp.gov.br>>. e <<http://www.educacao.rs.gov.br>>.

Belbenoit (1976) seja instrumento de cultura e de libertação do homem moderno, ao exercer dois papéis na sociedade contemporânea: função biológica de promoção da saúde (no sentido mais lato do termo); e função sociocultural de comunicação, participação e expressão. Eu diria: o esporte possui uma função filogenética e uma função ontogênica. Mas para que tal aconteça, é preciso concretizar nestes termos a formação inicial e continuada dos profissionais de Educação Física, a educação esportiva de atletas, dirigentes, políticos, jornalistas etc.

Nesse contexto, é profundamente injusto pedir aos nossos atletas durante alguns dias e semanas que “ganhem medalhas” para o Brasil, e esquecê-los nos quase quatro anos seguintes, intervalo que separa as sucessivas edições dos Jogos Olímpicos. Mas é também injusto exigir às escolas e seus professores de Educação Física que, de um lado, formem atletas para a glória brasileira nos eventos internacionais, ou, de outro, consigam, por conta própria - lutando com as deficiências na formação inicial e a quase ausência de formação continuada, a descontinuidade das políticas educacionais e o distanciamento entre as pesquisas acadêmicas e as práticas educativas concretas -, re-direcionar o esporte para finalidades críticas, emancipatórias e humanizadoras.

Copa do Mundo: transversalidade

A transmissão televisiva da Copa do Mundo de Futebol de 2010, na África do Sul, maximizou a telespetacularização do esporte, tal como encontrávamos antes na TV a cabo (BETTI, 1999): 32 câmaras, imagens em alta definição, *super-closes* e imagens panorâmicas, *replays* em vários ângulos. Realizada pela primeira vez em um país africano, a Copa foi propícia à vulgarização do tema do multiculturalismo, e, menos explicitamente, da globalização.

Quase metade da equipe da Alemanha (11 dos 23 jogadores) é fruto da imigração. São oriundos ou descendentes de imigrantes de várias partes do mundo: turco, tunisiano, polonês, brasileiro, nigeriano, espanhol. Tal fato foi destacado pelas mídias, e isto é talvez mais importante do ponto de vista pedagógico (já que as mídias educam, no sentido lato) do que o fato de que, na Alemanha, “a entrada de pessoas com outra crença, pele escura e nomes impronunciáveis é vista como problema, e não como oportunidade”, como afirma o jornalista alemão, ainda para quem “o futebol [...] ensina o setor político e outros setores da sociedade como fazer uma integração bem-sucedida”

(WAGENER, 2010). A este “multiculturalismo” foi atribuído o novo estilo do futebol alemão, mais leve e bonito. Todavia, talvez seja mais correto falar em “interculturalismo”, pois não se trata apenas de uma justaposição ou convívio tolerante de diferentes culturas (algo que data do século XIX), mas o confronto de culturas que cria algo novo, no caso, um novo “jeito” de jogar futebol que modifica a tradição alemã.

O fenômeno da globalização se fez presente também na transmissão televisiva da Copa do Mundo de 2010, de um modo diferente de eventos anteriores. Talvez pela ênfase concedida às histórias individuais dos jogadores, raramente jogam nos seus países de origem, e transitam por diferentes clubes, em geral europeus. Chamou-me particularmente atenção a presença das câmaras nos túneis do estádios que ligam os vestiários das equipes ao campo, bem como a continuidade da transmissão por vários minutos após o encerramento das partidas, o que não é habitual na cobertura jornalista da TV brasileira. Nesse momentos, podia-se constatar os cumprimentos mútuos, às vezes calorosos, dos atletas adversários, mesmo no improvável encontro entre Brasil e Costa do Marfim.

Afinal, os jogadores se conhecem dos clubes e países onde jogam, eventualmente na mesma equipe. Então, o *fair play* tão desejado pelos educadores e pela própria FIFA (que ao final da década de 1980 iniciou uma campanha pelo “jogo limpo”, e possui um “Código de Fair Play”⁸) concretizou-se, pelo menos fora dos 90 minutos regulamentares, por conta da globalização do futebol, motivada esta em especial pela necessidade de abrir novos mercados para o futebol profissional. Já em campo, nada pareceu ir além de devolver a bola ao time adversário, retribuindo quando este abria mão da posse de bola, para permitir atendimento a um jogador contundido. “Gol de mão” parece continuar sendo válido do ponto de vista dos beneficiados, e de muitos jornalistas... É curioso notar que a própria FIFA justifica, em parte, o início da “Campanha pelo Fair Play” como reação ao famoso gol de mão de Maradona na Copa de 1986⁹.

Nesse sentido, podemos dizer que a Copa do Mundo favorece a explicitação do caráter multi-cultural do futebol, e por isso também favorece pensarmos, no âmbito escolar, a transversalidade dos temas que inspira. Em percepção que caminha na mesma direção,

8 Ver: <http://www.fifa.com/aboutfifa/worldwideprograms/fifacampaigns/fairplay/code.html>.

9 Ver: <http://www.fifa.com/aboutfifa/worldwideprograms/fifacampaigns/fairplay/index.html>.

o Arquivo Público do Estado de São Paulo lançou coleção de livros para auxiliar os professores das escolas de ensino fundamental e médio no uso de fontes históricas nas aulas. O primeiro volume é dedicado à história do futebol no Brasil, (MAGALHÃES, 2010), e analisa suas origens classistas, relações com a política, seu papel agregador e fomentador da identidade nacional, o surgimento e desenvolvimento dos principais clubes paulistas, a participação do Brasil nas Copas e os sentidos do futebol nos dias atuais. Sugere também atividades para serem desenvolvidas em sala de aula, e é fartamente ilustrado com imagens.

Então, essa transversalidade do futebol, esporte com presença marcante na cultura brasileira e agenda obrigatória das mídias, pode ser pensada para outras disciplinas escolares. Por exemplo, a Copa do Mundo, pela popularidade que alcança no Brasil, pode ser uma oportunidade privilegiada, do ponto de vista didático-pedagógico, para a abordagem inicial de muitos temas/conteúdos: geografia (continentes e países); filosofia (ética e *fair play*); biologia (fisiologia do exercício físico); física (velocidade, aceleração); língua portuguesa (texto jornalístico). E, evidentemente, a Educação Física escolar: táticas e sistemas de jogo, regras oficiais. Certamente o

leitor poderá sugerir muitos outros exemplos.

Por fim, este raciocínio me permite retornar ao ponto inicial, e declarar-me a favor dos projetos de pretensões críticas e emancipatórias, que concebem a Educação Física como disciplina escolar que tematiza a cultura corporal de movimento (incluindo o esporte). Mas trata-se, como já escrevi em outras oportunidades (BETTI, 1994a, 1994b), de uma ação pedagógica *com* a cultura corporal de movimento, e não um discurso (falado ou escrito) *sobre* ela, que permita aos alunos significar e ressignificar suas próprias experiências de movimento no âmbito da cultura. Não é o caso, pois, de privilegiar aulas “teóricas” sobre o esporte, o professor escrevendo na lousa ou exibindo *slides* em *datashow*, e os alunos copiando, para depois decorarem e reproduzirem em uma prova escrita.

Se as demais disciplinas incluíssem o esporte e outros temas/conteúdos ligados à cultura corporal de movimento como tema transversal em relação aos seus próprios conteúdos, tais conhecimentos poderiam ser retomados nas aulas de Educação Física, “atravessando” dessa vez as experiências de corpomovimento que marcam a especificidade desta disciplina. Sentir e compreender, compreender e sentir:

é neste vai e vem que a Educação Física poderá de fato ensinar algo de fato: algo que é incorporado, um saber que está no corpo, que é encarnado, e que já denominei de “saber orgânico” (BETTI, 1994a). Aliás, é o que nos ensina a fenomenologia de Merleau-Ponty. Mas isso é assunto para outra oportunidade.

REFERÊNCIAS

- BELBENOIT, G. *O desporto na escola*. Lisboa: Estampa, 1976.
- BETTI, M. *Educação física e sociedade: a educação física na escola brasileira de primeiro e segundo grau*. São Paulo: Movimento, 1991.
- BETTI, M. O que a semiótica inspira ao ensino da educação física. *Discorpo*, São Paulo, n.3, p. 25-45, 1994a.
- BETTI, M. Valores e finalidades na educação física escolar; uma concepção sistêmica. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Santa Maria, v.16, n.1, p.14-21, 1994b.
- BETTI, M. *A janela de vidro: esporte, televisão e educação física*. Campinas: Papirus, 1998.
- BETTI, M. Educação física e sociologia: novas e velhas questões no contexto brasileiro. In: CARVALHO, Y.M.; RUBIO, K. (Org.). *Educação física e ciências humanas*. São Paulo: Hucitec, 2001. p. 155-169.
- BETTI, M. Esporte, televisão e espetáculo: o caso da TV a cabo. *Conexões: Educação, Esporte, Lazer*, Campinas, n. 3, p. 74-91, 1999.
- BETTI, M. *Educação física e sociedade: a educação física na escola brasileira*. 2ª ed. rev. São Paulo: Hucitec, 2009.
- BETTI, M. et al. Por uma didática da possibilidade: implicações da fenomenologia de Merleau-Ponty para a educação física. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 28, n.2, p. 39-53, jan 2007. Disponível em: <<http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE/article/view/54/62>>. Acesso em: 3 abr. 2010.
- BRACHT, V.; ALMEIDA, F. Q. de. A política de esporte escolar no Brasil: a pseudovalorização da educação física. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 24, n. 3, p. 87-101, maio 2003.
- HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Objetiva, 2001. 1 CD-ROM
- KUNZ, E. *Educação física: ensino & mudanças*. Ijuí: Unijuí, 1991.
- KUNZ, E. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Ijuí: Unijuí, 1994.

MAGALHÃES, L. G. *Histórias do futebol*. São Paulo: Arquivo Público do Estado, 2010 (Coleção Ensino & Memória, 1). Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/difusao/pdfs/livro_futebol.pdf>. Acesso em: 7 jul. 2010. Acesso em: 11 jul. 2010.

WAGENER, V. Opinião: Seleção multicultural alemã desperta

patriotismo. *Dw-world.de*, Bonn, 12 jul 2010. Disponível em: <<http://www.dw-world.de/dw/article/0,,5784051,00.html>>. Acesso em: 13 jul. 2010.

Recebido: junho/2010
Aprovado: agosto/2010